

## PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DE ESCOPO

Nathan Lazzaris Cruz<sup>1</sup> , Vitória Aparecida Martins Costa<sup>1</sup> , Pedro Gabriel Pito Lopes<sup>1</sup> , Débora Alves Guariglia<sup>1</sup> 

SEXUAL VIOLENCE PREVENTION DURING ADOLESCENCE: A SCOPE REVIEW

PREVENCIÓN DE LA VIOLENCIA SEXUAL DURANTE LA ADOLESCENCIA: UNA REVISIÓN DEL ALCANCE

**Resumo:** Violência sexual consiste em qualquer ato de natureza sexual cometido contra alguém incapaz de recusar ou consentir. A escola é um lugar oportuno para detecção e desenvolvimento de intervenções visando à prevenção da violência sexual infantil. Dessa forma, o objetivo do presente estudo é mapear as diferentes estratégias de intervenção na prevenção da violência sexual contra adolescentes e verificar sua efetividade em relação ao número de casos de violência e conhecimento sobre a temática entre os adolescentes. Para isso, foi realizada uma busca sistemática nos indexadores *Pubmed/Medline*, *Scielo*, *Lilacs*, *PsycNET*, e *Science Direct*, e os artigos incluídos foram publicados entre 2010 e 2022. As intervenções ocorreram por meio de treinamento em sala de aula, rodas de conversa, *site*, *workshop*, treinamento de autodefesa, e cartazes. Como resultado, foi possível observar que, entre as 19 intervenções, 6 impactaram em melhorias do conhecimento e 11 na redução da violência sexual, destacando a efetividade e a necessidade de medidas preventivas tanto na escola, como no SUS e projetos sociais.

**Palavras-Chave:** Abuso Sexual; Adolescentes; Educação Eexual.

**Abstract:** Sexual violence consists in any act of sexual nature committed against someone unable to refuse or consent. The school is a propitious place for the detection and development of interventions aiming to prevent child sexual violence. That way, the goal of the present study is to map the different strategies of intervention in the prevention of sexual violence against teenagers, and to verify its effectiveness in relation to the number of violence cases, as well as the teenagers' knowledge regarding the subject. For that, a systematic search in the *Pubmed/Medline*, *Scielo*, *Lilacs*, *PsycNET*, and *Science Direct* index platforms has been conducted, and the included articles were published between 2010 and 2022. The interventions happened through training in the classroom, talking circles, websites, workshop, self-defense training and signs. As a result, it was possible to observe that, among the 19 interventions, 6 had impact in knowledge improvement, and 11 in reducing sexual violence, highlighting the effectiveness and need for the preventive measures in the school, in the public health system and social projects.

**Keywords:** Sexual Abuse; Teenagers; Sexual Education.

**Resumen:** La violencia sexual consiste en cualquier acto de naturaleza sexual cometido contra alguien incapaz de rechazarlo o consentirlo. La escuela es un lugar oportuno para la detección y el desarrollo de intervenciones para la prevención de la violencia sexual infantil. De esta manera, el objetivo del presente estudio es mapear las diferentes estrategias de intervención en la prevención de la violencia sexual contra adolescentes y verificar su efectividad en relación con el número de casos de violencia y el conocimiento sobre el tema entre los adolescentes. Para ello, se realizó una búsqueda sistemática en los indicadores *Pubmed/Medline*, *Scielo*, *Lilacs*, *PsycNET* y *Science Direct*, y los artículos incluidos fueron publicados entre 2010 y 2022. Las intervenciones se llevaron a cabo a través de las capacitaciones en el aula, círculos de conversación, sitio web, taller, entrenamiento de defensa personal y carteles. Como resultado, fue posible observar que, entre las 19 intervenciones, 6 impactaron en mejoras del conocimiento y 11 en la reducción de la violencia sexual, destacando la efectividad y la necesidad de medidas preventivas tanto en la escuela como en el SUS y proyectos sociales.



**Palabras clave:** Abuso Sexual; Adolescentes; Educación sexual.

## Introdução

A violência sexual infantil é entendida como qualquer ação que submeta a criança ou o adolescente a uma situação de caráter sexual. Ela pode ser subdividida em abuso ou exploração sexual. O abuso pode ocorrer por meio de assédio verbal, carícias, exploração sexual, *voyeurismo*, pornografia, exibicionismo, ato sexual com ou sem penetração e com ou sem violência física. A exploração sexual refere-se ao comércio de sexo, sendo considerado agressor quem intermedia a venda ou aquele que busca o serviço (Brasil, 2019; OMS, 2016; MPCE, 2021). As consequências da violência sexual podem se apresentar de forma física, psíquica, social, sexual, entre outras, podendo se manifestar logo após a violação ou no decorrer da vida da vítima (Florentino, 2015).

Na maioria dos casos, a violência sexual na infância é perpetrada por um familiar ou conhecido da vítima, sendo o pai frequentemente identificado como o principal agressor, geralmente cometendo o crime no ambiente doméstico (MPCE, 2021; Martins; Jorge, 2010; Machado, 2005; UNICEF, 2021; Martins; Ferriani, 2020). Do total de casos de violência sexual, mais de 70% são cometidos contra crianças e adolescentes, sendo as meninas as principais vítimas (IPEA, 2017; UNICEF, 2021; Rodrigues et al., 2020).

A família é um dos principais responsáveis por garantir a segurança das crianças e dos adolescentes. No entanto, a falta de informação e de abertura para abordar assuntos de cunho sexual com os jovens representam grande barreira para uma abordagem efetiva. Além disso, é importante destacar que, muitas vezes, o abusador está presente dentro do próprio lar (Brasil, 2019; Mpce, 2021).

Os estudantes passam grande parte do seu dia em ambiente escolar (SPSP, 2018). Esse fator expõe a necessidade de levar a esses jovens as informações que podem ter sido negligenciadas no âmbito familiar (BRASIL, 1998). Do total de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, 99,7% frequentam a escola, assim como 92,2% dos adolescentes entre 15 e 17 anos (INEP, 2022). A escola é um lugar de apoio para os jovens em situação de risco, levando em conta que a educação sexual e as medidas preventivas os ensinam a reconhecer e se proteger da violência sexual (Lima et al., 2020).

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é mapear as diferentes estratégias de intervenção na prevenção da violência sexual contra adolescentes e verificar sua efetividade em relação ao número de casos de violência e conhecimento sobre a temática entre os adolescentes.

## Metodologia

### Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é uma revisão de escopo, abordagem utilizada para sintetizar as evidências científicas da forma mais eficaz, rigorosa, transparente e confiável, com o objetivo de identificar e mapear determinadas características. Esse método fornece uma visão geral ou mapa da evidência (Peters, et al, 2020).

### Busca

### Bases de dados

Para a realização desta revisão, buscou-se dados na literatura científica tanto de modo manual, na internet, quanto nos indexadores Pubmed/Medline, Scielo, Lilacs, PsycNET, Science Direct.

## Estratégia de busca

Para a construção da estratégia de busca, as seguintes palavras-chave foram utilizadas: *sexual violence, rape, sexual abuse events, non-consensual sex, forced sexual intercourse, child abuse, grooming, sexual exploitation, sexual assault, sexual aggression, sexual offending, sexual harassment, non-accidental violence, sexual offenders, children, adolescents, students, schools, youth, childs, teenagers, school, childhood, schoolchildren, child.*

Estratégia de busca utilizada no Pubmed.

*(sexual violence OR rape OR sexual abuse events OR non consensual sex OR forced sexual intercourse OR grooming OR sexual exploitation OR sexual aggression OR sexual offending OR sexual harassment OR sexual offenders) AND (adolescents OR students OR schools OR youth OR teenagers OR school)*

**Fonte:** Elaborada pelos autores.

## Critérios de elegibilidade

Foram incluídos nesta revisão trabalhos completos publicados em periódicos científicos indexados que apresentavam intervenções de quaisquer modalidades em adolescentes, relacionados à incidência e ao conhecimento sobre a violência sexual. Os artigos foram restritos a um período de publicação de 2010 a 2022, sem exclusão por idioma.

## Seleção de estudos e fichamento de dados

Após a seleção dos títulos por dois autores independentes, um terceiro verificou os resultados consensuais e leu o texto na íntegra para a seleção do material. Os materiais selecionados foram organizados no *software Microsoft Excel* para sistematização das informações.

## Resultados e Discussão

Inicialmente, foram encontrados 304.005 trabalhos nas bases de dados selecionadas, sendo 200.931 no Pubmed/Medline, 1.712 Scielo, na base Lilacs 80, 87.239 na PsycNET, e 14.043 no Science Direct. Após leitura dos títulos, foram selecionados 1.562 artigos, 1539 resultantes das buscas nas bases de dados e outros 23 por meio de citações em outros artigos. Após remover as duplicatas e verificar os desfechos e intervenções, de acordo com os critérios de elegibilidade, restaram 19 artigos (Figura 1).

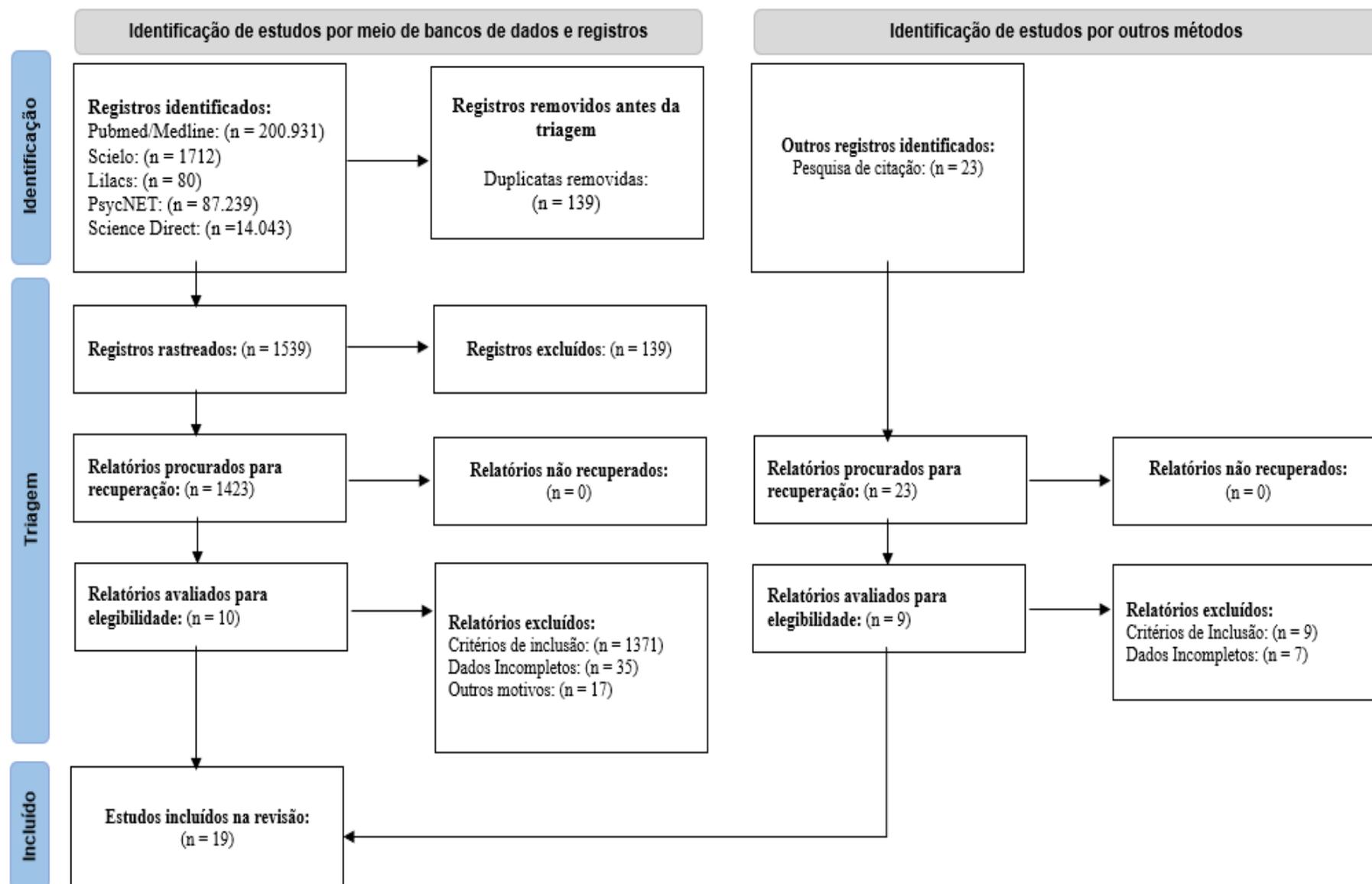


Figura 1 - Diagrama de fluxo de seleção de estudos.

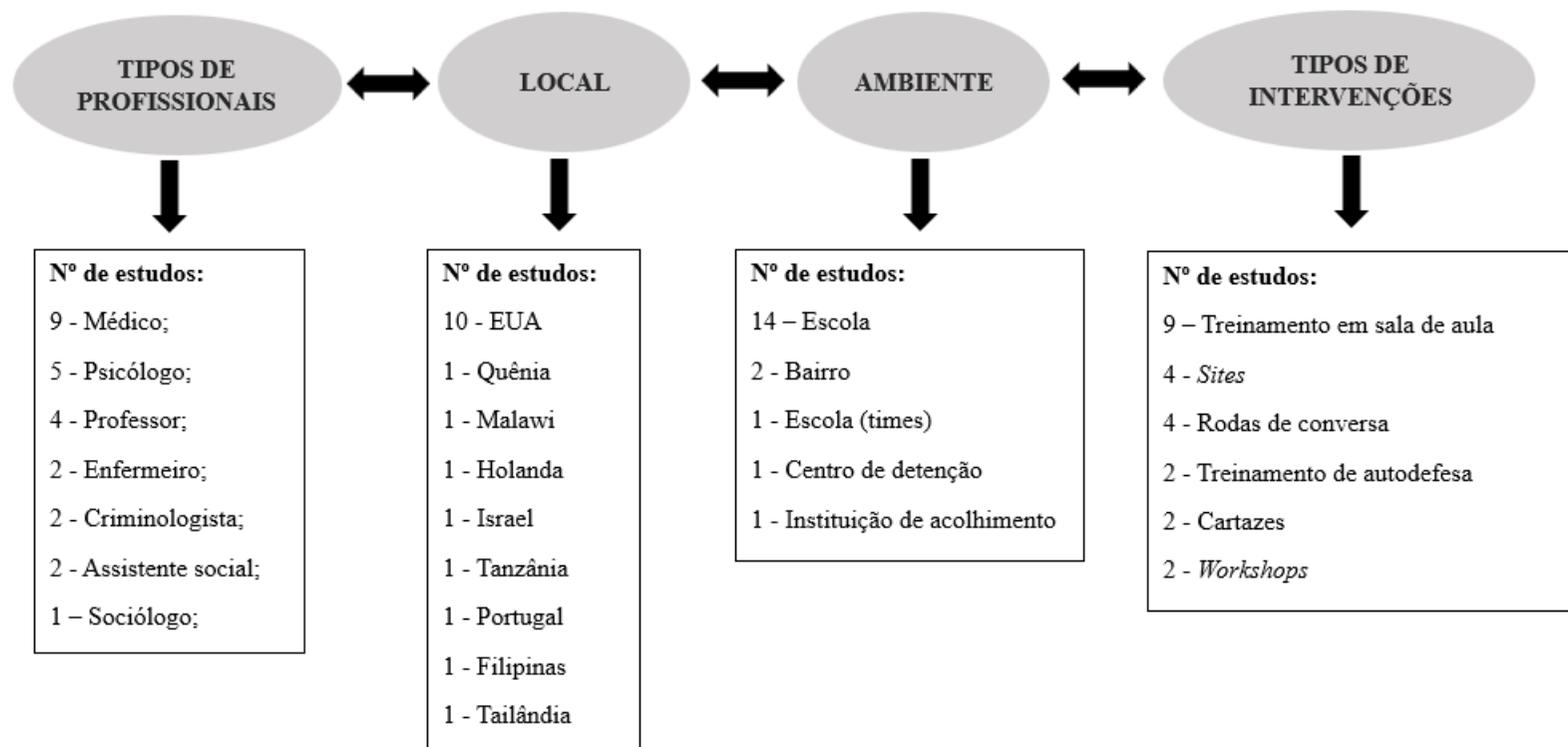
**Quadro I - Síntese dos estudos que atenderam aos critérios da revisão**

Autor (ano)	Tipo de estudo	Desfecho (instrumento)	Resultados gerais positivos (e observações)
Ababe <i>et al.</i> , (2018)	Estudo controlado randomizado por cluster	Perpetração de violência sexual, retenção de conhecimento, atitudes sobre o abuso sexual. (questionário sobre abuso sexual usando escala de avaliação Likert).	Redução da perpetração de violência sexual (SV), abuso de relacionamento adolescente (ARA), aumento de comportamentos positivos de espectadores, e mudanças no reconhecimento de comportamento abusivo, intenções de intervir e atitudes equitativas de gênero.
Chamroonsawasdi <i>et al.</i> , (2010)	Estudo quase experimental	Perpetração de violência sexual (questionário sociodemográfico, histórico de violência física e sexual e atitude em relação aos papéis de gênero).	Não houve diferença significativa em todos os aspectos.
Coker <i>et al.</i> , (2019)	Estudo controlado randomizado por cluster	Primários: perpetração e vitimização da violência sexual. Secundários: Violência no namoro e aceitação da violência sexual. Escala IRMA (Payne <i>et al.</i> 1999).	Desfechos melhoraram de forma geral ao longo dos anos. (Melhora mais significativa a partir do 3º ano de intervenções. Os resultados mais expressivos foram verificados na maioria sexual, entre alunos héteros).
Decker <i>et al.</i> , (2018)	Estudo controlado randomizado por cluster	Violência sexual, autodefesa, e confiança/autoeficácia e divulgação da violência. (Medidas autorrelatadas, avaliação adaptada do programa “IMPowr”).	Diminuição na prevalência de violência sexual. Reduções na perpetração de violência. Melhora significativa na confiança e conhecimentos de autodefesa. A divulgação da violência aumentou em ambos os grupos de intervenção e controle.
Espelage <i>et al.</i> , (2013)	Estudo controlado randomizado	Violência juvenil, perpetração e vitimização de violência sexual. (Escala de Luta, da Universidade de Illinois para medir a violência, e versão modificada da <i>American Association of University Woman Sexual Harassment Survey</i> par medir comportamentos de violência sexual)	Diminuição significativa em agressões físicas. (Não houve efeito significativo de intervenção para perpetração ou vitimização de <i>bullying</i> , provocações homofóbicas e violência sexual).
Ferreira <i>et al.</i> , (2020)	Estudo Longitudinal com intervenção (não aleatorizado)	Atitudes em relação à violência sexual feminina e masculina. ( <i>Conflict in adolescent Dating Relationships Inventory</i> ) ADV ( <i>Attitudes Toward Dating Violence</i> ).	Redução das atitudes relacionadas à violência sexual masculina. (não houve diferença nas atitudes relacionadas à violência sexual feminina).
Haruna <i>et al.</i> , (2018)	Estudo controlado randomizado	Conhecimentos obtidos sobre a violência sexual (Teste de Alfabetização em Saúde Sexual do Adolescente – ASHLT)	Os participantes avaliaram os métodos de ensino como eficazes e sentiram que seus conhecimentos foram aprimorados. Ocorreu um aumento nas atitudes positivas e a conscientização sobre a questão da saúde sexual nos grupos GBL.

Lieshout et al, (2019)	Estudo controlado randomizado por cluster	Assédio sexual e violência no namoro. (Questionário baseado em De Graaf et al., 2005; Kuyper et al., 2009).	Não houve efetividade da intervenção.
Lijster et al, (2016)	Estudo controlado randomizado por cluster	Comportamento de assédio sexual e seus 5 determinantes: atitude, norma social percebida, autoeficácia, intenção e protótipo. Atitude em relação aos papéis de gênero, à influência da mídia e autoestima sexual. (Questionário próprio, baseado em outros 2 utilizados para avaliar o comportamento de assédio sexual).	Não houve efetividade da intervenção para nenhum dos desfechos.
Madrid et al, (2020)	Estudo de fase 2 "proof-of-concept cross-sectional study"	Denúncia de abuso infantil por professores, prevenção da violência no namoro e conhecimento sobre relacionamentos saudáveis. (Escala de Atitudes de Relato de Professores para Abuso Sexual Infantil ou TRAS – CSA; versão em inglês (Walsh et al., 2010); Filipina Escala de Regulação das Emoções (Gill e Lopez, 2018). Questionário VAC das Filipinas).	Atitudes dos professores em relatar o abuso sexual infantil. Conhecimento sobre abuso, violência no namoro e como ajudar amigos e ser honesto. Não houve recorrência de abuso após 1 ano de acompanhamento. (Declínio significativo nos casos de violência no namoro, autorrelatados que incluem violência física, sexual e emocional, experiências autorrelatadas de abuso emocional de um parceiro de namoro, aumento significativo do autorrelato para aumento na perpetração de abuso sexual autorrelatada, tentativa de sexo indesejado, abuso sexual sem contato, incluindo exposição indesejada a vídeos e fotos sexuais, conversas e mensagens sexuais indesejadas, assédio sexual por professor ou adulto na escola).
Miller et al, (2012)	Estudo controlado randomizado	Perpetuação de abuso sexual, comportamento de assédio sexual, <i>bullying</i> . (formulário <i>on-line</i> )	Redução nos comportamentos de <i>bullying</i> , assédio sexual, e comportamentos de perpetração.
Miller et al, (2020)	Estudo controlado randomizado por cluster, não cego	Perpetuação de violência sexual e retenção de conhecimento.	Reduções nos incidentes relatados de perpetração.
Moor (2011)	Quase-experimental	Conhecimentos sobre abuso sexual. (Baseado no Instrumento de Lanier e Elliot, de 1997).	Compreensão da diferença entre estupro de relações mutuamente consensuais e mudança em atitudes de apoio ao estupro.

Murphy <i>et al.</i> , (2016)	Quase-experimental	Conhecimentos e atitudes em relação à exploração sexual (questionário Likert de avaliação em escala exploração sexual comercial de crianças)	Conscientização de locais para denúncias e para solicitar ajuda. Aumento de comportamentos positivos de espectadores e mudanças no reconhecimento de comportamento abusivo, intenções de intervir e atitudes equitativas de gênero. (Já possuíam bastante conhecimento sobre abuso sexual.)
Sarnquist <i>et al.</i> , (2014)	Coorte prospectiva	Incidência de agressão sexual, assédio sexual, divulgação do abuso sexual. (Entrevista)	Diminuição da agressão sexual e aumento da divulgação de agressão.
Shekar <i>et al.</i> , (2019)	Estudo quase Experimental	Autoeficácia sexual dos jovens detidos, percepção da importância do consentimento sexual e disposição para intervir contra a violência sexual. (Questionário próprio sobre abuso sexual, usando escala de avaliação Likert).	Melhora nas atitudes e crenças sobre consentimento e violência sexual, autoeficácia sexual, percepção da importância do consentimento, disposição para intervir. (Quanto à disposição para intervir, apenas o grupo masculino apresentou um aumento estatisticamente significativo).
Smothers <i>et al.</i> , (2011)	Quase-experimental	Conhecimentos sobre abuso sexual. ( <i>Sexual assault and attitudes questionnaire - SAAQ</i> )	Conhecimentos sobre abuso sexual, autoproteção e relacionamentos saudáveis.
Taylor <i>et al.</i> , (2013)	Estudo controlado randomizado por cluster	Perpetração de violência sexual no namoro e assédio sexual (Os itens para esta pesquisa foram adaptados de outro trabalho: <i>AAUW Educational Foundation</i> 1993, 2001; Basile <i>et al.</i> 2009; Fineran e Bennett, 1999).	Redução na violência sexual por colegas.
Taylor <i>et al.</i> , (2015)	Estudo controlado randomizado por cluster	Perpetração de violência sexual no namoro e assédio sexual. (Escala SH, adaptada de outro estudo: Hill, 2011).	Redução significativa na frequência da violência total no namoro.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.



**Figura 2** - Mapeamento dos estudos selecionados.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Entre os trabalhos apresentados no Quadro 1, 10 foram desenvolvidos nos EUA, país que segundo o *U. K. Department of Justice* (2021) teve uma redução de 33,9% para 22,9% no percentual de crimes de violência sexual entre os anos de 2019 para 2020. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), o Brasil apresentou um aumento de 4,2% nos registros de estupro e estupro de vulnerável em relação ao ano anterior. Apesar disso, entre os estudos selecionados, nenhum foi conduzido no Brasil ou na América Latina (Figura 2). Esse resultado destaca um grande problema, uma vez que, apesar do elevado número de casos de violência sexual contra adolescentes, não foram localizadas dentro das bases selecionadas para a pesquisa ações investigativas no Brasil. Outras ações podem existir, mas não estão publicadas nas principais bases de pesquisa, o que dificulta o entendimento dessa ação dentro do País. As intervenções ocorreram em ambientes distintos, como bairros, centro de detenção, e instituição de acolhimento. No entanto, a maioria aconteceu na escola, conforme apontam 14 dos estudos (Figura 2).

As intervenções são detalhadas no suplemento, onde se observa que, das 19 intervenções, nove utilizaram o treinamento em sala de aula como ferramenta (Chamroonsawasdi *et al.*, 2010; Espelage *et al.*, 2013; Haruna *et al.*, 2018; Madrid *et al.*, 2020; Sarnquist *et al.*, 2014; Shekar *et al.*, 2019; Taylor *et al.*, 2013; Taylor *et al.*, 2015; Smothers *et al.*, 2011). Em quatro estudos aconteceram rodas de conversa (Lieshout *et al.*, 2016; Lijster *et al.*, 2016; Miller *et al.*, 2012; Miller *et al.*, 2020), foram utilizados sites em quatro estudos (Ababe *et al.*, 2018; Miller *et al.*, 2012; Miller *et al.*, 2020; Murphy *et al.*, 2016), *workshop* em dois estudos (Cocker *et al.*, 2019; Moor, 2011), assim como treinamento de autodefesa (Decker *et al.*, 2018; Sarnquist *et al.*, 2014) e cartazes (Ferreira *et al.*, 2020; Taylor *et al.*, 2013).

Como resultado das intervenções, foi possível observar de forma significativa: 1) redução da violência sexual em geral (Coker *et al.*, 2019; Sarnquist *et al.*, 2014; Decker *et al.*, 2018; Ababe *et al.*, 2018; Shekar *et al.*, 2019; Ferreira *et al.*, 2020; Moor 2011; Miller *et al.*, 2012; Miller *et al.*, 2020; Taylor *et al.*, 2013); 2), redução de frequência da violência total no namoro (vitimização e perpetração) (Taylor *et al.*, 2015; Ababe *et al.*, 2018); 3), aumento nos conhecimentos sobre abuso sexual (Moor, 2011; Decker *et al.*, 2018; Murphy *et al.*, 2016; Haruna *et al.*, 2018; Shekar *et al.*, 2019; Madrid *et al.*, 2020), autoproteção e relacionamentos saudáveis (Smothers *et al.*, 2011); 4), mudança substancial em muitas atitudes de apoio à vítima de estupro e intenção de intervir (Moor, 2011; Ababe *et al.*, 2018; Murphy *et al.*, 2016), 5), melhor divulgação de agressão e conscientização de locais para denúncias e onde solicitar ajuda (Murphy *et al.*, 2016; Sarnquist *et al.*, 2014; Madrid *et al.*, 2020). Tais resultados observados no quadro 1 indicam que diferentes formas de intervenção, como grupos de discussão, sites, rodas de conversas e projetos institucionais podem ser eficientes no combate à violência sexual contra adolescentes.

Dos estudos incluídos nesta revisão, quinze apresentaram impactos significativos nos desfechos analisados, enquanto apenas quatro não apresentaram resultados significativos (Quadro 1). Essas pesquisas foram conduzidas em escolas e centros de acolhimento. A ausência de efeitos nos resultados pode ter ocorrido devido à dificuldade de controlar todos os aspectos entre os 2 grupos, levando em conta que toda escola possui uma abordagem pública para a prevenção da violência (Chamroonsawasdi *et al.*, 2010). De acordo com Espelage *et al.* (2013), a ausência de resultados significativos quanto aos desfechos de perpetração e vitimização de violência sexual pode ser atribuída ao fato de que os jovens participantes da pesquisa demonstraram, significativamente, menor propensão em relatar atos de agressão perpetrados. Ambos os trabalhos foram desenvolvidos em escolas e apresentaram uma grande amostra, em comparação aos demais estudos, com 530 alunos adolescentes (Chamroonsawasdi *et al.*, 2010), e 36 escolas (Espelage *et al.*, 2013).

Para Lijster *et al.* (2016), a falta de experiências sexuais de alguns alunos pode ter dificultado a imaginação de situações de assédio sexual, além das altas taxas de subnotificação dos casos de violência sexual. Outro fator mencionado como limitação foi a necessidade de validação de questionários e escalas adaptados de pesquisas específicas. Em um estudo realizado com 177 meninos em instituições de acolhimento para jovens, foram utilizadas seis escalas previamente validadas para analisar os questionários (Lieshout *et al.*, 2019). Curiosamente, as características das intervenções que tiveram e não tiveram efeitos com a intervenção são muito semelhantes.

As amostras dos estudos que não apresentaram resultados efetivos variam de 117 alunos a 36 escolas,

assim como os demais estudos que também tiveram valores bem distintos com relação à população pesquisada.

Um movimento conservador é visível na sociedade, o qual afirma que o papel da educação e proteção sexual de crianças e adolescentes deve estar a cargo da família, dentro de casa. No entanto, estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014) indicam que os agressores, majoritariamente, estão ligados ao ambiente familiar, sendo eles pais (14%), padrastos (28%), irmãos (2%), avôs (6%) e parentes (10%).

A *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – UNESCO (2012) - sugere que as intervenções em educação sexual podem ser eficazes, principalmente, quando integradas ao currículo escolar, sendo abrangentes, implantadas em nível nacional e ligadas a serviços de saúde, de acordo com necessidades dos jovens. Contudo, os resultados das intervenções dependem de certas características dos programas e do contexto em que os alunos se encontram. Em países como Nigéria, Quênia, Indonésia e Índia, por exemplo, a sexualidade e a educação sexual são questões sensíveis. A educação sexual é considerada uma excelente ferramenta para a prevenção e enfrentamento da violência sexual, possibilitando o conhecimento sobre as violências e maneiras de se proteger, contribuindo para a segurança de crianças e adolescentes (Lima et al., 2020).

### Considerações finais

Diante dos resultados obtidos no presente estudo é possível concluir que diferentes formas de intervenção, sejam elas por *Workshops*, grupos de discussão, sites, rodas de conversas, treinamento em sala de aula, e/ou projetos institucionais podem ser eficientes no combate à violência sexual na adolescência.

Dos dezenove artigos selecionados para o estudo, 15 demonstraram uma melhora significativa nos desfechos analisados, como: 1) a redução da violência sexual em geral; 2) redução de frequência da violência total no namoro (vitimização e perpetração); 3) aumento nos conhecimentos sobre abuso sexual, autoproteção e relacionamentos saudáveis; 4) mudança substancial em muitas atitudes de apoio à vítima de estupro e intenção de intervir; 5) melhor divulgação de agressão e conscientização de locais para denúncias e onde solicitar ajuda. Apesar de possuírem muita similaridade com os trabalhos em que as intervenções tiveram resultado positivo, quatro estudos não apresentaram resultados significativos para os desfechos analisados.

Do total de trabalhos inclusos, nenhum foi desenvolvido na América Latina. Nesse sentido, levando em conta que o risco de abuso sexual contra adolescentes está por toda a parte, seja no esporte, na escola, no bairro, ou em casa, existe necessidade de medidas preventivas tanto na escola, como no SUS e nos projetos sociais.

### Agradecimentos

Agradecimento à Fundação Araucária em parceria com a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), pela bolsa de Iniciação Científica do autor Nathan, Lazzaris Cruz.

### Referências

ABABE, K. Z. et al. Engendering healthy masculinities to prevent sexual violence: Rationale for and design of the Manhood 2.0 trial. *Contemporary Clinical Trials*, v. 71, n. 1, p. 18-32, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cct.2018.05.017>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL. Estatuto da criança e do Adolescente (ECA). *Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990*. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 436. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

- CHAMROONSAWASDI, K. *et al.* Gender roles, physical and sexual violence prevention in primary extend to secondary school in Samutsakorn Province, Thailand. *Journal of the Medical Association Thailand Chotmaihet thangphaet*, v. 93, n. 3, p. 358-65, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/43344398\\_Gender\\_roles\\_physical\\_and\\_sexual\\_violence\\_prevention\\_in\\_primary\\_extend\\_to\\_secondary\\_school\\_in\\_Samutsakorn\\_Province\\_Thailand/](https://www.researchgate.net/publication/43344398_Gender_roles_physical_and_sexual_violence_prevention_in_primary_extend_to_secondary_school_in_Samutsakorn_Province_Thailand/). Acesso em: 15 ago. 2023.
- COKER, A. L. *et al.* Bystander program effectiveness to reduce violence and violence acceptance within sexual minority male and female high school students using a cluster RCT. *Prevention Science*, v. 21, n. 1, p. 434-444, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11211-019-01073-7>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- DECKER, M. R. *et al.* Sexual violence among adolescent girls and Young women in Malawi: a cluster-randomized controlled implementation trial of empowerment self-defense training. *BMC Public Health*, v. 18, n. 1341, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6220-0>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- ESPELAGE, D. L. *et al.* The impact of a middle school program to reduce aggression, victimization, and sexual violence. *Journal of Adolescent Health*, v. 53, n. 2, p. 180-186, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.02.021>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- ESTADOS UNIDOS. *Criminal Victimization, 2020*. 2021. Disponível em: <https://bjs.ojp.gov/sites/g/files/xyckuh236/files/media/document/cv20.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- FELÍCIO, A. G.; JESUS, K. V. S.; LIMA, S. P. *O papel da escola no enfrentamento da violência sexual infantil*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura plena em Pedagogia) - Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, Serra, 2017. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1371/1/O%20PAPEL%20DA%20ESCOLA%20NO%20ENFRENTAMENTO%20DA%20VIOL%3%8ANCIA%20SEXUAL%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- FERREIRA, S. S. *et al.* Violência no namoro: Conhecimentos e atitudes dos adolescentes e avaliação da efetividade de uma intervenção breve em alunos do ensino secundário. *Nascer e Crescer - Birth and Growth Medical Journal*, v. 29, n. 2, p. 78-85, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25753/BirthGrowthMJ.v29.i2.18420>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal Revista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Uma década e mais de meio milhão de vítimas de violência sexual - Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022*. Disponível em: <https://outoftheshadows.global/>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA E FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- HARUNA, H. *et al.* Improving sexual health education programs for adolescent students through game-based learning and gamification. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 15, n. 9, p. 2027, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph15092027>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *Censo escolar 2022 – Divulgação dos resultados*. 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2022/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/apresentacao_coletiva.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)*. 2014. Disponível em:

[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT\\_n11\\_Estupro-Brasil-radiografia\\_Diest\\_2014-mar.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_Estupro-Brasil-radiografia_Diest_2014-mar.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Estupro no Brasil: Vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014*. 2017. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2313.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2313.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.

LIESHOUT, S. V. et al. Make a move: A comprehensive effect evaluation of a sexual harassment prevention program in dutch residential youth care. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 34, n. 9, p. 1772-1800, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260516654932>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LIJSTER, G. A. et al. Effects of an interactive school-based program for preventing adolescent sexual harassment: A cluster-randomized controlled evaluation study. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 45, n. 5, p. 874-886, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0471-9>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LIMA, A. B. C. et al. A importância da educação sexual escolar para o enfrentamento da violência sexual infantil durante a pandemia. In: *CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2020, Anais [...]*. Realize, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79942>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MACHADO, H. B. et al. Abuso sexual: diagnóstico de casos notificados no município de Itajaí/SC, no período de 1999 a 2003, como instrumento para a intervenção com famílias que vivenciam situações de violência. *Texto e contexto enfermagem*, v. 14, n. 1, p. 54-63, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000500007>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MADRID, B. J. et al. Safe schools for teens: preventing sexual abuse of urban poor teens, proof-of-concept study – Improving teachers and students knowledge, skills and attitudes. *Heliyon*, v. 6, n. 6, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e04080>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARTINS, C. B. G.; JORGE, M. H. P. M. Abuso sexual na infância e adolescência: Perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto e contexto enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 246-255, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200005>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARTINS, C. S.; FERRIANI, M. G. C. Caracterização dos agressores e vítimas de violência sexual intrafamiliar: Um estudo de caso. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 14, n. 1, p. 129-139, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v14i1.579>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MILLER, E. et al. “Coaching Boys into Men”: A cluster-randomized controlled trial of a dating violence prevention program. *Journal of Adolescent Health*, v. 51, n. 5, p. 431-438, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.01.018>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MILLER, E. et al. Effect of a community-based gender norms program on sexual violence perpetration by adolescent boys and Young men. *JAMA Network Open*, v. 3, n. 12, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.28499>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MOOR, A. The efficacy of a high school rape prevention program in Israel. *Violence and Victims*, v. 26, n. 3, p. 283-295, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.26.3.283>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. *Cartilha Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: O Silêncio que Destrói Infâncias*. 2021. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2021/05/CARTILHA-Viole%CC%82ncia-Sexual-contra-Crianc%CC%A7as-e-Adolescentes.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MURPHY, M.; BENNETT, N.; KOTTKE, M. Development and pilot test of a commercial sexual exploitation prevention Tool: A brief report. *Violence and Victims*, v. 31, n. 1, p. 103-110, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.vv-d-14-00055>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *INSPIRE: seven strategies for ending violence against children*. 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/documents/inspire-seven-strategies-ending-violence-against-children>.



## Apêndice

**Quadro 1 suplementar** - Outras estratégias de busca utilizadas.

SciELO	(violência sexual OR estupro OR abuso sexual OR sexo não consensual OR relação sexual forçada OR abuso infantil OR aliciamento OR exploração sexual OR agressão sexual OR assédio sexual) AND (adolescentes OR estudantes OR jovens OR adolescente OR juventude OR escolares)
Lilacs	(sexual violence) OR (rape) OR (sexual abuse events) OR (non consensual sex) OR (forced sexual intercourse) OR (grooming) OR (sexual exploitation) OR (sexual aggression) OR (sexual offending) OR (sexual harassment) OR (sexual offenders) AND (adolescents) OR (students) OR (schools) OR (youth) OR (teenagers) OR (school)
PsycNET	sexual violence OR rape OR sexual abuse events OR non consensual sex OR forced sexual intercourse OR grooming OR sexual exploitation OR sexual aggression OR sexual offending OR sexual harassment OR sexual offenders AND adolescents OR students OR schools OR youth OR teenagers OR school
Science Direct	("sexual violence" OR rape OR "sexual exploitation" OR "sexual harassment") AND (adolescents OR students OR youth OR teenagers)

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

**Quadro 2 suplementar** - Síntese das intervenções dos estudos incluídos na revisão.

Autor (ano)	Intervenção
Ababe, et al, (2018)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Manhood" 2.0 ("potenciais agressores")</li> <li>- Site contendo um curso de 18h, 6 sessões de 3h.</li> <li>- Adaptação de um currículo internacional transformador de gênero.</li> <li>- Intervenção feita com o apoio de líderes comunitários para facilitar discussões com adolescentes do sexo masculino, abordando: 1- relacionamentos saudáveis e sexualidade; 2- meios de identificação de normas de gênero; 3 - reconhecimento de comportamentos desrespeitosos; 4 - práticas de intervenções positivas ao testemunhar comportamentos negativos de colegas.</li> </ul>
Chamroonsawasdi, et al, (2010)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 11 semanas, duração da sessão: 2h30</li> <li>- Com jogos; perguntas; cenários; reflexão do pensamento; debate; trabalho em equipe; ideias conceituais e aplicações; apresentação do grupo.</li> </ul>
Coker, et al, (2019)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Green Dot"</li> <li>- Sessão de 4 dias (treinamento dos educadores).</li> <li>- 1 palestra de 50 minutos.</li> </ul>
Decker, et al, (2018)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "IMPower"</li> <li>- Sessões semanais de 2 horas, durante 6 semanas, para um total de 12 horas. Após as seis semanas, cursos de atualização de duas horas são realizados a cada 3-6 meses.</li> <li>- Treinamento interativo de autodefesa. Reconhecimento precoce de identificação e definição de limites, negociação, táticas de difusão e distração e assertividade verbal sobre a autodefesa física, com a orientação de que as táticas físicas só devem ser usadas se forem as últimas e melhor opção.</li> </ul>
Espelage, et al, (2013)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Second Step: Student Success Through Prevention (SS-SSTP)"</li> <li>- 1 aula por semana durante 15 semanas.</li> <li>- Incluindo habilidades de aprendizado socioemocional, empatia, comunicação, prevenção de <i>bullying</i> e habilidades de resolução de problemas.</li> </ul>
	- "Violência no Namoro" (VN)

<p>Ferreira, et al, (2020)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 sessões de 30 minutos cada, 1 vez na semana.</li> <li>- 1ª sessão - dinâmica de apresentação; Cartões com verdades e equívocos sobre VN, seguido de discussão em grupo; 2ª sessão - dinâmica de passar a bola e completar a frase: “Os meninos são...” ou “As meninas são...”, discutir a desigualdade de gênero na VN, seguida por apresentação teórica.</li> <li>- Foram abordados temas como respeito, confiança, ciúme, poder, controle, entre outros, adolescentes classificados como saudáveis/não saudáveis, como as relações de poder e controle acontecem e são permitidas no namoro, estratégias para encerrar com segurança um relacionamento violento e como agir em situações em que VN afetam os pares, vídeo de campanha contra VN, e os adolescentes apresentaram cartazes de VN previamente elaborados.</li> </ul>
<p>Haruna, et al, (2018)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 aula de 40 minutos por semana, durante 5 semanas.</li> <li>- Assuntos abordados: 1 - higiene pessoal e boas maneiras; 2 - responsabilidade sexual e tomada de decisão; 3 - lidar com a pressão dos colegas; 4 - prevenção de DSTs, DSTs, HIV e AIDS; e 5 - como lidar com práticas.</li> </ul>
<p>Lieshout, et al, (2019)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “<i>Make a Move</i>”</li> <li>- 8 sessões durante 8 semanas.</li> <li>- Discussão em grupo e assistir a pequenos filmes abordando assuntos como masculinidade, amigos e imagem, meninas, sexo, paquera, namoro, futuro.</li> </ul>
<p>Lieshout, et al, (2019)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “<i>Make a Move</i>”</li> <li>- 8 sessões durante 8 semanas.</li> <li>- Discussão em grupo e assistir a pequenos filmes abordando assuntos como masculinidade, amigos e imagem, meninas, sexo, paquera, namoro, futuro.</li> </ul>
<p>Lijster, et al, (2016)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “<i>Benzies &amp; batchies</i>”</li> <li>- 4 a 6 semanas.</li> <li>- Encenação por pares com discussão em grupo e lições escolares sobre prevenção de comportamentos de assédio: (a) uma aula introdutória; (b) uma peça de 30 min educacional, encenada por pares, seguida de uma discussão em grupo, liderada por pares - 60 min; (c) três aulas em sala de aula, de 100 a 150 minutos, para ensinar habilidades e resiliência em relação a questões sociais e comportamento sexual; e (d) uma aula de encerramento.</li> </ul>
<p>Madrid, et al, (2020)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 8 módulos</li> <li>- FASE 1: Treinamento de professores: 1) reconhecer casos de abuso infantil em sala de aula; 2) registrar casos de abuso infantil; 3) denunciar casos de abuso infantil; 4) encaminhar casos de abuso infantil;</li> <li>- FASE 2: Módulo dos estudantes: 1) conhecer o que é abuso no namoro, seus sinais, prevenir a vitimização e a perpetração desses; 2) aprender a reconhecer e nomear as emoções; 3) identificar enredos que eles aprenderam e examinar se existem enredos que podem levar a abuso ou violência. Resistir à pressão dos colegas, mantendo amizades e relacionamentos saudáveis; 4) reposicionamento sobre abuso sexual.</li> </ul>
<p>Miller, et al, (2012)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “<i>Coaching Boys into Men</i>”</li> <li>- Site contendo um programa de treinamento (disponível em <a href="http://coachescorner.org">http://coachescorner.org</a>).</li> <li>- Treinamento de 60 minutos.</li> <li>- Onze “Cartões de Treinamento” orientam os treinadores a como conduzir breves discussões semanais (10-15 min) com os atletas, sobre respeito e prevenção de “violência no namoro”, tanto física, sexual e psicológica, em relacionamentos românticos adolescentes, durante a</li> </ul>

	temporada esportiva.
Miller, et al, (2020)	<p>Grupo intervenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Manhood” 2.0 (“potenciais agressores”)</li> <li>- Site contendo um curso de 18h, 6 sessões de 3h.</li> <li>- Adaptação de um currículo internacional transformador de gênero.</li> <li>- Intervenção feita com o apoio de líderes comunitários para facilitar discussões com adolescentes do sexo masculino, abordando: 1- relacionamentos saudáveis e sexualidade; 2- identificação de normas de gênero; 3 – reconhecimento de comportamentos desrespeitosos; 4 - práticas de intervenções positivas, ao testemunhar comportamentos negativos de colegas.</li> </ul> <p>Grupo controle: “<i>Jump Start Success: Work Readiness and Career Exploration Training</i>”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa escolhido devido ao fato de que não se esperava que esse programa tivesse algum efeito nos resultados de violência sexual.</li> </ul>
Moor, (2011)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “<i>High School Rape Prevention Program</i>”</li> <li>- <i>Workshops</i>.</li> <li>- 3 oficinas de 2h de duração, realizadas em horário de aula, dentro da escola.</li> <li>- 2 primeiras realizadas separadamente para meninos e meninas.</li> </ul>
Murphy, et al, (2016)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Site de auxílio e vídeo.</li> <li>- Trechos tirados de um filme e com depoimentos de sobreviventes de exploração sexual.</li> <li>- Os participantes foram recrutados na sala de espera de uma clínica urbana de saúde reprodutiva para adolescentes, e levados a uma sala privada.</li> <li>- Além da instrução verbal dos membros da equipe do projeto, os participantes receberam um esboço que os levou a explorar todos os elementos do <i>site</i>.</li> </ul>
Sarnquist, et al, (2014)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 6 sessões de 2h durante 6 semanas, com atualizações de 2h em 3, 6 e 10 meses.</li> <li>- Aulas de habilidades de empoderamento, reverter situações e autodefesa.</li> </ul>
Shekar, et al, (2019)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Versão adaptada para o programa de educação em saúde sexual do CCJDC.</li> <li>- 9 intervenções com duração de 3 dias cada.</li> <li>- O currículo educação em saúde sexual foi dividido em três sessões de ensino de 2 horas, ao longo de 3 dias consecutivos.</li> <li>- Sessões de educação em saúde sexual ministradas a grupos de 10 a 20 jovens.</li> <li>- Grupos de ensino separados por sexo e idade.</li> <li>- Adaptações: educação mais detalhada sobre cultura de consentimento e relacionamentos seguros, incluindo atividades interativas sobre como dizer e ouvir “não” em um contexto sexual.</li> <li>- Tópicos abordados: anatomia sexual, puberdade, infecções sexualmente transmissíveis, contracepção, gravidez, cultura de consentimento e relacionamentos seguros. O currículo continha muitos jogos interativos e atividades de <i>role-playing</i>.</li> </ul>
Smothers, et al, (2011)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 3 sessões de 60 minutos</li> <li>- Sessões de treinamento em sala de aula.</li> <li>- Conhecimento e crenças sobre violência e assédio sexual, conscientização dos recursos de apoio à violência sexual na escola e na comunidade, além da identificação de relacionamentos saudáveis e não saudáveis.</li> </ul>
	- “ <i>Shifting Boundaries</i> ”

Taylor, et al, (2013)	<ul style="list-style-type: none"><li>- Sessões ministradas a funcionários treinados da escola.</li><li>- 6 e 10 semanas.</li><li>- Determinar e articular limites pessoais que devem ser respeitados, por meio de discussão, trabalhos em grupo, e uso de cartazes e mapa de identificação dos lugares menos seguros na escola.</li></ul>
Taylor, et al, (2015)	<ul style="list-style-type: none"><li>- “<i>Shifting Boundaries</i>”</li><li>- Sessões ministradas a funcionários treinados da escola.</li><li>- 6 e 10 semanas.</li><li>- Determinar e articular limites pessoais que devem ser respeitados, por meio de discussão, trabalhos em grupo e uso de cartazes e mapa de identificação dos lugares menos seguros na escola.</li></ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores.